

por parte de José Augusto Alegria na década 70 do século passado e das referências que dele fez Ernesto Vieira em 1900 no seu *Diccionario Biographico...*, sublinhando [...] *que sabia do mister* [...] em matéria de composição.

Juízos qualitativos à parte, o facto é que o espólio de Ferreira de Lima que hoje a Sé preserva permite-nos estudar, dada a sua dimensão significativa, diversas perspectivas da produção musical sacra durante este período. As partituras e partes cavas no contexto das suas obras coral-sinfónicas, surgem assim como um testemunho da prática instrumental em Portugal, durante este período. São múltiplos os factores que para tal concorrem, desde a existência de partes cavas não notadas na partitura, passando pelas grandes diferenças de texto musical na comparação entre partitura e partes, até ao interessante rol de anotações deixadas à margem pelos músicos nas suas partes, que nos transmitem novos dados sobre a prática de execução orquestral neste contexto. Sobretudo no tocante às linhas graves do discurso orquestral, em particular violoncelos e fagotes, destaca-se um número significativo de variantes entre partituras, partes cavas e partes concertantes. Também algumas partes cavas de madeiras revelam práticas de execução que se encontram muito para lá da partitura. Neste sentido, a presente comunicação incide sobre os vários aspectos da problemática orquestral no seio da produção sacra de Ferreira de Lima, resultantes da análise de uma série de obras. O seu objectivo é constituir-se como um estudo de caso que poderá e deverá ser aplicado a muitos outros compositores inseridos em idênticas circunstâncias histórico-estilísticas.

RODRIGO TEODORO DE PAULA  
(CESEM-NOVA FCSH)

*O som solene da morte: a sonoridade ritual e o cerimonial fúnebre por D. João V  
realizado na cidade de Évora -1750*

A partir do dia 8 de agosto de 1750, escutaram-se por três dias, na cidade de Évora, sinais fúnebres tangidos desde suas diversas torres sineiras a noticiar o falecimento de D. João V. Anunciada publicamente a morte do monarca, por meio do bando, deu-se início, no dia 16 de setembro, às etapas que constituíam o cerimonial fúnebre real, o que correspondia à cerimónia municipal da Quebra dos Escudos e às Exéquias (Vésperas, Matinas, Laudes, Missa de *Requiem*, Sermão e Absoluções). Os protocolos rituais, associados ao funeral régio, exigiam, em todo o reino, a interacção de três categorias sonoras: o som “brônzeo” – como ordenador do tempo e o principal instrumento de comunicação colectiva -, o som “bélico” – exaltação do poder militar da coroa pela coerção sonora -, e a prática musical – como parte das acções artísticas de carácter transcendente (religioso).

Mobilizavam-se, para esses actos sineiros, religiosos, membros do Senado da Câmara, integrantes dos Regimentos de Artilharia, músicos profissionais, entre outros que, por meio de modelos sonoros estabelecidos no decorrer dos séculos XVI, à primeira metade do século XVIII, deveriam reproduzir o que era determinado na legislação portuguesa vigente. Entre esses modelos destacamos os protocolos para o funeral de D. Nuno Álvares Pereira de Melo, Duque de Cadaval (1638-1727) cujas exéquias de corpo presente (após traslado do corpo desde Lisboa) foram realizadas, solenemente, 23 anos antes em Évora. Propomos, para a presente comunicação, identificar a sonoridade ritual das cerimónias eborenses pela morte de D. João V, centrando-nos na funcionalidade e nas formas de articulação dos sons com os ritos e com os espaços urbanos, além de realizar um estudo comparativo entre os funerais de D. João e de D. Nuno Álvares.

CLARA BEJARANO PELLICER  
(Universidad de Sevilla)

*El paisaje sonoro universitario en la Sevilla del siglo XVII*

La Universidad, institución que en la Edad Moderna cobró un gran auge con la fundación de múltiples colegios como el de Santa María de Jesús en Sevilla, formó parte de la maraña de entes que se disputaban una posición en la competitiva sociedad del siglo XVII. De la Universidad puede decirse que, a pesar de custodiar el conocimiento musical teórico, era una más de las instituciones consumidoras y demandantes de servicios musicales, puesto que su rica y activa vida ceremonial necesitaba un paisaje sonoro a la altura de los gustos sociales de la época. Tanto el propio colegio como la comunidad de estudiantes serán grandes productores de espectáculos con diversas necesidades musicales y sonoras, que serán satisfechas por los propios miembros de la universidad y por músicos profesionales contratados.

El objetivo de este estudio consiste en analizar comparativamente varios contratos de servicios musicales intitulados por la universidad de Sevilla, con el propósito de observar su evolución. A observar este fenómeno a lo largo del tiempo contribuirá la confrontación de estos datos con las series de gastos de la propia Universidad durante el siglo XVII, que no sólo recogen la dimensión musical de la institución sino también otros elementos de su paisaje sonoro. Asimismo, los servicios musicales contratados podrán ser relacionados críticamente con las muestras celebrativas que la Universidad proyectaba a la sociedad, retratadas a través de crónicas festivas.